

SUBSÍDIO PARA O CURSO DOS
PROFESSORES INDÍGENAS DE RORAIMA

Roraima, fevereiro de 1997

Este texto contém algumas questões que o próprio Movimento dos professores indígenas do Amazonas, Roraima e Acre já elaborou, no decorrer da história dos seus Encontros anuais (1988 a 1995). É uma forma de "assessoria interna e coletiva", que pode subsidiar os professores indígenas de Roraima neste processo de estudar, pensar e exercitar como trabalhar na problemática da educação escolar, principalmente quanto à questão dos currículos das escolas indígenas. Este material destaca, dentro dos diversos Relatórios (do I ao VIII Encontro), aquilo que já foi pensado e falado a respeito deste tema (que é um dos escolhidos para este curso), assim como suas relações com outras temáticas também envolvidas nesta discussão: autonomia das escolas indígenas, prática do professor, participação das organizações, comunidades lideranças, organização dos professores.

Desejo poder contribuir neste importante processo que vocês, juntamente com suas comunidades e lideranças, estão levando adiante com muito esforço e compromisso. Bom trabalho!

Rosinha

CURRÍCULOS E REGIMENTOS DAS ESCOLAS INDÍGENAS E SUA RELAÇÃO COM OS PROJETOS DE FUTURO DOS POVOS INDÍGENAS - Propostas de ação

Cabe aqui uma discussão sobre o papel e o lugar da escola e dos professores indígenas. É também uma reflexão sobre o porquê da escola!

Poderemos perceber na leitura que existe uma íntima relação entre as propostas indígenas de escola e os projetos indígenas de vida.

Muito já foi pensado sobre estes assuntos. Vejamos o que foi dito pelos participantes, no Relatório do I Encontro (Manaus/1988):

Sobre a necessidade (?) da escola - um modelo imposto!

"Na realidade nós - o próprio sistema educativo do governo existe assim - fomos preparados para a defesa. 'Você tem que estudar matemática para não ser enganado'". (Grupo Rio Negro)

"Os professores brancos falavam: 'você não deve falar mais na sua língua, isso é giria'. E meu pai falava: 'meu filho, você tem que estudar porque o branco vai lhe enganar'". (Professores Macuxi)

"A escola atual pode ser positiva ou negativa. Pode fazer que esqueçamos a nossa cultura, nossa língua. A escola atual é colocada pelo contato com o branco. É importante que o processo da escola seja indígena, para manter nossos costumes, para ensinar a nossa língua. Precisamos de conhecimentos do mundo indígena e do branco". (Grupo do Médio Solimões)

"Proíbem o professor de ensinar as coisas Macuxi. Os professores são pagos para falarem sobre coisas que não são deles. Professor é obrigado a falar para os alunos que eles devem estudar para ser engenheiro, advogado, qualquer maneira para não trabalhar na roça". (Professores Macuxi)

"Antigamente a educação se dava através do sinal, do desenho, da língua. Usamos a escrita para registrar a nossa história. Fará que no futuro não se esqueça os nossos mitos e nossa originalidade. Também através da escrita mandamos documentos para as autoridades". (Professores Ticuna)

"Não tínhamos a escola organizada. Recebemos o sistema de educação do branco, que tá aí. Temos que ver como estruturar a escola própria do índio". (Professor Dessano)

"Já temos um projeto de escola que já foi lançado para as comunidades. É tudo feito em conjunto com os tuxauas, o conselho regional e territorial. Todas as comunidades estão enquadradas no programa. Tem também professores brancos trabalhando com escola, mas eles precisam estar conscientes da realidade do nosso povo, tem que estar cientes de que a escola está a serviço do índio". (Professor Wapixana)

"Nossa escola não é escola indígena, ela foi criada por brancos, diretores brancos. Estamos formados e trabalhando na escola branca. Perdemos muitos valores culturais por causa da força da escola. Falo isso por experiência própria. Nossa escola está fundamentada na filosofia branca. Dentro disso, estamos partindo para fazer o que é possível". (Prof. Gersem, Baniwa)

"O professor deve estar voltado para a prática. Se o professor não sabe a prática, chama quem sabe. Por exemplo: na aula de ciências, não é só o que o professor lê nos livros; deve chamar alguém da comunidade para estudar as plantas medicinais na prática. O professor deve pedir ajuda da comunidade nas aulas". (Grupo do Médio Solimões)

"Se dá uma pequena aula e depois vamos para a mata que fica longe dois dias, para buscar o material para fazer a peneira e o tipiti. Então, fazendo este trabalho, os rapazes contam histórias em Macuxi." (Prof. Abel, Macuxi)

Debate a respeito da relação entre Escola e autonomia

"O índio se forma advogado é para defender o índio e não o branco. Para alcançar a autodeterminação nós temos que assumir os cargos também na escola. Se o aluno chega a se formar em economia, tem que ajudar a economia do seu povo". (Grupo do Rio Negro)

"Se os professores brancos não saíssem, não mandaríamos mais os filhos para a escola. Nosso povo não admite mais ser dominado pelo branco, acho que por isso nós nunca tivemos estudo completo. Não queremos que a FUNAI, nem outra entidade nos domine. A supervisão, direção, tudo da escola está na mãos dos Ticuna. Acho que o caminho é por aí. É tempo de despertar, de saber que nós sempre fomos organizados. Uma vez que nós sabemos o que queremos, não tem porque o branco nos dominar." (Prof. Alírio, Ticuna)

"Qual o caminho que nós podemos chegar? A escola poderia ser uma escola de união. Todas as pessoas são responsáveis pela educação das crianças. Os pais, os professores e a comunidade são responsáveis para termos uma escola bilíngue e bicultural". (Professor Wapixana)

"Temos que lutar bastante pelos nosso jovens, para que eles fiquem dentro das comunidades e lutem pelos nossos direitos". (Prof. Abel, Macuxi)

No II Encontro (Manaus/1989) também foram discutidas questões ligadas a essa temática, principalmente à relação com as organizações, lideranças e comunidades indígenas:

"Como deve ser a escola que queremos? Deve ser como queremos em nossa comunidade. Porque se a gente tem uma escola em nossa comunidade, os próprios Tuxauas, as lideranças organizam, senão, só o branco faz". (Prof. Leonardo, Sateré)

"Temos que ver o que as crianças devem aprender e o que não devem aprender. Trabalhar junto com a comunidade". (Prof. Nino, Ticuna)

"O que nós queremos? O que a Amazônia quer de nós? Precisamos mostrar o que foi enterrado e que tem fruto que quer nascer". (Grupo de Roraima)

"Nós quatro que viemos aqui para o Encontro precisamos se unir, se reunir com os Tuxauas para poder a escola ser do jeito que queremos". (Grupo Sateré)

"A Secretaria de Assessoramento de Defesa Nacional - SADEN, coloca no mapa que o Brasil é vazio. Quer dizer que nós não existimos para o branco. Os professores tem que analisar: por que é vazio demográfico? Por que nós não somos reconhecidos pelo Governo? Isso é para os professores discutirem com os alunos. Para o branco só vale aqueles que trabalham para ele. Nós não trabalhamos, então não somos nada. Diante desta situação, as organizações indígenas complicam o projeto do Governo (o Governo sentiu um prego no sapato e foi mancando...)" (Moura, Tucano)

"As vezes também muitos alunos abandonam a comunidade para estudar e não voltam. Eles pensam: na aldeia não tem emprego. Fica na cidade e abandona os pais. Isso é coisa muito triste. Então nós vimos que a escola estava pisando naquilo que é bonito - nas nossas tradições. Nós achamos que é importante hoje duas coisas: a união do povo e a terra. Porque tem a terra, tem tudo" vai plantar, vai criar. Porque vocês professores é bom ver bem o que vocês estão ensinando para chegar longe... Como vocês são professores, é bom refletir bem para o futuro de nossas crianças. A escola do branco só dividiu, pisou em nós. Mas a escola indígena tem que levantar isso que foi pisado". (Jací, Macuxi)

"Acho que é por aí que tem que ser. Continuar a nossa luta. se todas as organizações trabalham juntas, uma dá força para as outras. Questão de terras e das áreas, nós temos que tratar disso na escola. E questão de contratação dos professores, lideranças também tem que apoiar". (Prof. Alírio, Ticuna)

No Relatório do III Encontro (Manaus/1990) podemos ler o seguinte sobre currículos, conteúdos, metodologia, organização:

"Estamos fazendo pesquisas sobre nossa cultura entre as comunidades, onde tem riquíssimas fontes históricas". (Prof. Sebastião, Tucano)

"Se o professor se coloca contra alguma coisa e ele está sozinho, ou ele é demitido ou é transferido. Unidos tem mais força. O programa de trabalho é entregue ao Conselho (CIR), que representa os povos indígenas e não pode ser demitido ou transferido. E assim, o professor fica seguro, garantido. A organização é que deve encaminhar as reivindicações". (Grupo de Roraima)

"O que existe nas áreas indígenas são escolas, mas não são indígenas. Queremos uma escola realmente indígena, onde o material didático é adaptado à própria realidade. Uma escola que realmente nos represente, que responda às nossas necessidades". (Professores de Roraima)

"O nosso material didático, a Secretaria não aceita. Só a comunidade. Na nossa língua, o material é só para ensinar os alunos. Mas não é reconhecido. Na avaliação do desempenho dos alunos com nosso material, as notas ficam com o professor, não vai para o Município. A avaliação desse tipo não é reconhecida pela Prefeitura, só a gente reconhece. A Prefeitura ameaça com demissões se a gente não trabalha com o currículo deles, com o material e as formas de avaliação da Prefeitura. Depois que a gente tiver uma lei garantindo a educação indígena, então a gente vai usar o nosso currículo, o nosso material e o nosso calendário". (Grupo Alto Solimões)

"Se a gente se preocupar com quem somos o nosso currículo vai atender as necessidades da comunidade, valorizar a nossa cultura. Muitas vezes não depende do currículo. Se a gente for esperar que as autoridades coloquem nosso conhecimento no currículo, a gente vai esperar a vida toda. Por isso a gente tem que trabalhar para isso acontecer". (Prof. Euclides, Macuxi)

→ "A primeira coisa que a gente tem que fazer para fazer um currículo é se juntar, conversar, discutir as idéias. Porque senão é difícil trabalhar. É preciso mostrar para os outros que aquele currículo não está bom, que é preciso mudar. A conversa do currículo é importante fazer com os pais, os alunos, toda a comunidade. Tem que conversar com todo mundo". (Grupo Médio Solimões)

"Na nossa comunidade, o currículo que a gente faz a gente coloca aqueles conhecimentos que a gente precisa. Na matemática, por exemplo, a gente coloca no nosso currículo aquilo que é importante para nós, porque tem coisa que não é importante,

não serve. Muita coisa não é importante, os alunos vão aprender a toa". (Prof. Alirio, Ticuna)

marbrito
"Uma coisa que eu não estou de acordo é com a reprovação que o Estado impõe aos alunos. Eu não estou de acordo em reprovar depois de oito meses o meu aluno. Porque tem gente que aprende mais rápido, outros mais devagar. Porque um professor indígena não pode reprovar assim, usando as formas de avaliação da Secretaria. Mas o município não aceitou a minha forma de avaliação". (Prof. Darci, Marubo)

No VI Encontro (Boa Vista/1993), o pessoal de Roraima contou o ocorrido com a proposta de Regimento que tentaram encaminhar:

"O Regimento não é o padrão com tudo escrito (não tem por escrito). Tentamos fazer um, encaminhamos à Secretaria de Educação. Não foi aprovado. Depois analisamos e percebemos que estava muito mais para escolas não-índias que para indígenas. A gente está levando de acordo com os Tuxauas e professores". (Prof. Sebastião Cruz, Wapixana, diretor da Escola Malacacheta)

Durante o VII Encontro (Manaus, 1994), ao discutir sobre a importância da medicina tradicional, foram lembradas essas questões:

"...resgatar o conhecimento e a cultura... Nós não queremos perder essa cultura valiosa que nós temos... Prestar assistência às comunidades... prá que é que serve esse resgatamento da cultura? Prá que? Serve prá prestar assistência às próprias comunidades, serve para curar. Muitas vezes nós perdemos isso porque não conseguimos valorizar. Então a primeira coisa é tentar elaborar um currículo apropriado para cada escola onde os - Programas de Saúde - deveria levar em conta essa medicina tradicional. Temos que sistematizar esta questão. Também socializar com os conhecimentos dos vários povos, de várias etnias que conhecem diversos medicinais..." (Prof. Sebastião, Tucano)

A respeito da participação de todos na formulação e definição dos currículos e regimentos, foi falado o seguinte:

"Por outro lado, currículo e regimento é uma coisa muito burocrática. A comunidade tem que saber - desde as crianças e os velhos - porque as coisas é de todos, porisso que está em processo de andamento para que nós cheguemos a informar a

comunidade e elas tenham a condição de entender, estar informado de que que é isso... para que está surgindo isso, que que vai dar consequência a isso. Será que vai prejudicar a comunidade, será que vai dar resultados... Então a gente tem que ter um balanço, nas reuniões locais, nas assembleias regionais, temos que colocar isso na cabeça do pessoal, dos nosso parentes...para depois não sobrar para os professores, para as assessorias. Quando todo mundo tá sabendo que registra um currículo, um regimento...quando as coisas dá errado, aí todo mundo tem culpa. Quando as coisas dá certo é que as comunidades pensaram direitinho. Esse é que é o problema. Porisso é que a gente tá demorando, para que nós possamos levar o conhecimento de todas as comunidades. Isso é que é a dificuldade também, a iniciativa é isso de nós, primeira coisa é informar o que está acontecendo. Não adianta a gente criar ou fundar as coisas novas prá depois levar à falência da própria comunidade". (Professores do Acre)

Novamente a relação entre escola e autonomia e o papel do professor indígena e a força da organização apareceram nos depoimentos:

"Quem mandava nas escolas primeiro era os diretores das escolas civilizadas...diretor branco e a secretaria de Educação Municipal. Atualmente, hoje, os professores eles escolhe os seus diretores, a própria comunidade hoje onde tem 3 professores, 3 ou 5, eles elegem seus diretores. Não é a Prefeitura que vai nomear e nem os professores não é a Secretaria do Município que vai dizer quem são... Mas é a própria comunidade indicando quem ela quer para trabalhar com sua comunidade. Porque antes o que tava acontecendo nas comunidades indígenas do Alto Solimões é o seguinte: se o professor branco tá trabalhando na área, fim de semana ele tá indo prá cidade e fica 3, 4 dias, fica na cidade... e a comunidade percebeu que não dá! O professor tem que viver com a comunidade, tem que morar na comunidade, Esse foi um grande desafio que a gente enfrentou também. Mesmo o Ticuna, ele não é aceito prá trabalhar em outra comunidade. Se tiver um aluno-professor que já dá prá trabalhar lição ou alfabetização de 1ª a 4ª com a própria comunidade, então o próprio professor é indicado pela comunidade porque ele mora lá. Daí o Prefeito tem que contratar esse professor, e assim também com o diretor. O que a comunidade decidir, o município, o prefeito tem que acatar o que a comunidade decidir". (Prof. Alírio, Ticuna)

"É bem claro que nós indígenas conhecemos a nossa realidade. Por exemplo: nesse ano nós recebemos parte do material didático do IERAM e foi o maior problema com as comunidades, porque? Porque só mandaram para três comunidades - como se as

comunidades indígenas tivesse só tres... Então, e as outras: de a gente realmente conhece, tem que atender todas as comunidades. Temos que questionar muito. Em Brasília, não convidam o índio prá participar do próximo Encontro do Comitê que vai ter, por que? Falar em nome do índio, em nome da educação... a gente muitas vezes já ouviu dizer... Mas branco que falar em nome do índio, ele não tem autonomia prá isso - falar sem a participação dos professores indígenas. Porque quem sabe a realidade é nós que vivemos que conhecemos os problemas. Então nós professores, temos que dizer: vocês tem que fazer assim! E não eles dizer: Nós vamos fazer assim prá vocês... Então basta isso". (Prof. Alirio, Ticuna)

"Porque eu acredito que só através da educação, da escola, que nós vamos conseguir transformar as nossas comunidades, as nossas crianças, fazer com que elas sejam críticas aos trabalhos. Porque a maioria das nossas comunidades elas não apóiam nossa organização, nossas articulações... então, através da escola, pelos professores, pelos diretores, junto com os tuxawas das comunidades eu acredito que nós vamos resolver este problema. Depois que surgiu a COPIAR, principalmente lá em Roraima, e aqui agora eu venho sentindo, que desde que a COPIAR começou a articular, depois que ela nasceu, a gente sente uma grande mudança na parte da educação. Porque você vê o grupo de professores que era pequeno e agora está crescendo, se expandindo... e cada um se interessando, dando valor a si, às coisas que temos, dando valor em si próprio. Eu acho isso muito bonito! Antes a gente tinha vergonha porque a gente tinha perdido o ritmo da caminhada de ser indígena! A gente tinha vergonha de fazer uma apresentação indígena. Agora não temos mais aquela vergonha. Acredito, espero que essa nossa organização, essa nossa articulação deve seguir ainda mais forte, com o nosso trabalho na base, mais forte ainda. Cada professor se dedicando ao máximo para desempenhar seu papel que daqui está nascendo, e que nós vamos levar no papel, no caderno e na cabeça, prá poder desenvolver". (Professores De Roraima)